



FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS DA UFBA PARA ABORDAR TEMÁTICAS DE SEXUALIDADE E GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR

EIXO 09 - Corpos, Gêneros e Sexualidades no Ensino de Ciências e Biologia: Brechas e outros possíveis Contra-Hegemônicos

Ana Paula Gomes¹
Emerson dos Santos Menezes²
Joceane Santos da Silva Puridade³
Izaura Santiago da Cruz⁴

RESUMO

As competências contidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) acerca dos direitos humanos e diversidade embora fundamentais, frequentemente se limitam ao abordar temas relacionados à sexualidade e gênero, permeando o senso comum que atrela a sexualidade à saúde reprodutiva e o gênero a uma perspectiva heterocisnormativa. Tal visão reducionista, negligencia e ignora a ampla diversidade e pluralidade de identidades presente na sociedade. Nesse contexto, este trabalho visa relatar experiências de estudantes da Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em atividades extensionistas e de pesquisa envolvendo as temáticas de gênero e sexualidade na educação, descrevendo de que forma essas atividades contribuem para a formação docente e para a humanização do ensino de Ciências.

Palavras-chave: Sexualidade e Gênero, Ciências Naturais, Formação Docente, Ensino de Ciências.

¹ Graduanda em Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal da Bahia, Bolsista do Programa Permanecer - UFBA, anapaulagomes2509@gmail.com

² Graduando em Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal da Bahia, emersonmenezes@ufba.br

³ Graduanda em Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal da Bahia, joceanepuridade2001@gmail.com

⁴ Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Professora da Faculdade de Educação (FACED) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gêneros e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA), Salvador, Brasil, izaura@ufba.br



INTRODUÇÃO

A abordagem de temáticas sobre as sexualidades e os gêneros na educação básica é controversa. De um lado, há grupos conservadores que rejeitam a inclusão desses temas nas escolas. Do outro, há quem reconheça a importância de discutir essas questões visto que a escola é o espaço ideal para promover a formação de uma consciência crítica e inclusiva. Diante disso, cabe perguntar: como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁵ aborda essa questão? Sobre isso, a doutora em educação Luciane Vicente discorre que:

Essa onda de censura que remonta às primeiras discussões de elaboração do segundo Plano Nacional de Educação (projeto de lei no 8.035/2010), [...] e, mais recentemente no processo de aprovação da BNCC, tem conseguido retroceder conquistas importantes no campo dos direitos humanos obtidas nas últimas décadas, aprofundando sobremaneira as desigualdades sociais. (Vicente, 2023, p.04)

As observações da autora apontam um retrocesso nas políticas educacionais voltadas à inclusão e ao respeito. A exclusão das discussões sobre gêneros e sexualidades dos currículos enfraquece o reconhecimento dos direitos humanos e compactua com a perpetuação de preconceitos. Ao omitir essas questões, a escola como instância de reprodução reforça estigmas, violências e desigualdades sociais.

Após a promulgação da Constituição brasileira de 1988, com publicação da LDB (Lei das diretrizes e Bases da educação Nacional) 9394/96, houve a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, que continham um conjunto complementar de livros chamados Temas Transversais que abordavam as seguintes temáticas como diretrizes para a Educação Básica: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, trabalho e consumo (Brasil, 1998). Em seguida verifica-se que o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 trouxe os seguintes termos: “igualdade racial, regional, de Gêneros e orientação sexual”, gerando uma disputa entre parlamentares progressistas e conservadores no ato da sua aprovação, pois os últimos, queriam substituí-los pela expressão “cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”. (BRASIL, 2015, p. 12).

⁵ A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (Brasil, 2018).



Nas duas primeiras versões da Base Nacional Comum Curricular (2015 e 2016) a abordagem das temáticas gêneros e orientação sexual aparecem em diversos trechos do documento - Princípios Introdutórios; Educação Infantil; Educação Física; Ciências da Natureza; Ciências Humanas e Sociais. A versão mais recente da BNCC (2018) não contempla uma disciplina específica sobre sexualidades e gêneros, mas inclui temas relacionados dentro das disciplinas existentes. Em grande parte, esses temas são abordados pelos professores de Ciências, que tradicionalmente, são os responsáveis por essas temáticas, já que sexualidades e gêneros ainda são vistos principalmente sob o âmbito biológico, reprodutivo e da saúde como tratadas na competência EF08CI1 inserida no componente curricular de Ciências da Natureza. No entanto, a BNCC limita-se a explicar o funcionamento do corpo humano, identificar suas partes e promover o respeito (Brasil, 2018, p. 334). Ficam ausentes as menções às identidades de gênero e às diferentes possibilidades de orientação sexual, e em seu lugar figuram trechos genéricos, relacionados apenas ao “respeito às diferenças” e ao “combate aos preconceitos de qualquer natureza” (Brasil, 2018, p. 221).

Diante desses desafios, projetos de formação na Universidade Federal da Bahia (UFBA) têm promovido discussões sobre ciência, gêneros, sexualidades e educação sexual, ampliando a formação crítica de licenciandos(as). Neste trabalho, as autoras e o autor compartilham suas experiências e os impactos dessas atividades em suas trajetórias. É importante ressaltar que todos os projetos descritos foram idealizados e orientados pela Prof^ª Dr^ª Izaura Santiago da Cruz.

Formação em Gêneros, Sexualidades e Corporeidade na Educação - Impacto de formações em sexualidades e Gêneros no itinerário formativo de licenciandos/as da UFBA

Visando à construção de novos espaços para fomentar tais temáticas durante a formação de professores, foi elaborado o curso de Formação em Gêneros, Sexualidades e Corporeidade na Educação que ocorreu na UFBA, nos anos de 2023 e 2024. Os conteúdos envolviam reflexões acerca dos conceitos de gênero, sexo e sexualidades; a construção social e histórica dos aspectos biológicos das sexualidades presentes na



sociedade; métodos contraceptivos, aborto e suas relações com a culturas, em uma perspectiva associada aos direitos humanos; saúde sexual e reprodutiva; o papel da escola e das(os) professoras(es) na identificação, denúncia e proteção das vítimas em caso violência doméstica, de Gêneros e sexual; lgbtfobia na escola. As atividades incluíram leituras, discussões, filmes, músicas, podcasts, dinâmicas em grupo além de práticas de percepção corporal, envolvendo danças, alongamentos, massagens, buscando refletir sobre a relação dos participantes com o próprio corpo. Arelado ao curso, o projeto de pesquisa “Impacto de formações em sexualidades e Gêneros no itinerário formativo de licenciandos/as da Universidade Federal da Bahia”, analisa os impactos dessa formação no percurso de licenciandos(as) da UFBA, com base em relatos e entrevistas produzidos durante e após o curso.

Projeto Minerva: Ciência para Meninas, Moças e Mulheres

O Projeto Minerva é um projeto de extensão vinculado à FAGED/UFBA) e ao CIGE/NEIM, cujo objetivo é disseminar informações acerca da participação ativa e contribuições de mulheres cientistas, para estudantes da rede municipal e estadual da cidade de Salvador, Bahia. Por conseguinte o Projeto, também foi estruturado pensando em estimular estudantes a ingressarem nas Universidades públicas, mostrando oportunidades de permanência para alunos e alunas de baixa renda incentivando esses(as) estudantes, especialmente as meninas, a seguirem carreiras acadêmicas, no âmbito das ciências, que carecem de maior representatividade racial e de Gêneros. As ações do Minerva consistiram em contactar mulheres cientistas, para ministrar palestras e rodas de conversa juntamente com as monitoras e a coordenadora, visando fomentar trocas que ampliassem as possibilidades de atuação dos estudantes nas ciências, além de instigar os estudantes a pensarem sobre o perfil predominante nestas áreas.

Oficinas de sexualidades e Gêneros no ensino básico

O projeto Oficinas de Gêneros e Sexualidades para Escolas do Ensino Básico foi financiado pelo Programa Permanecer, vinculado à PROAE/UFBA⁶ e teve início em 2018. A iniciativa oferece aos estudantes de licenciatura a oportunidade de desenvolver

⁶ Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil.



ações educativas voltadas à promoção de espaços de diálogo, escuta e aprendizagem sobre sexualidades, gêneros e o cuidado de si e do/a outro/a no contexto da educação básica. Durante as oficinas ocorrem: rodas de conversa, dinâmicas interativas, produções escritas, exibição de filmes e momentos de reflexão coletiva. As atividades são desenvolvidas respeitando as diferentes faixas etárias e contextos sociais que a comunidade escolar está inserida. O projeto também inclui formações específicas para os/as bolsistas responsáveis pelas oficinas, abordando não apenas gêneros e sexualidades, mas também outras temáticas sensíveis, como relações étnicoraciais. Essa formação é essencial para oferecer uma base teórica sólida que possa ser levada futuramente para a sala de aula pelos/as licenciandos/as.

RELATOS: “OS PROJETOS SÃO PEDAÇOS DE NÓS”

Emerson

Desde a escola, percebia que temas como sexualidade e gênero eram evitados ou tratados de forma superficial, o que levava à banalização de vivências e à reprodução de preconceitos. Hoje, como professor em formação, entendo que não dá mais para adiar esses debates em sala de aula. O curso de formação e o projeto de pesquisa têm impactado profundamente minha identidade docente e pessoal. Minha visão pedagógica e pessoal se transforma, especialmente por ser um homem negro, gay e periférico, o que torna impossível separar minha vivência dessas questões. Ainda existem barreiras curriculares e institucionais, mas vejo avanços na criação de espaços seguros de expressão para estudantes e professores. Esses espaços de escuta e troca fortaleceram meu autoconhecimento, empatia e percepção social. Participar desses projetos foi mais do que formação — eles passaram a fazer parte de mim, dando um norte para o meu caminho pessoal e profissional.

Joceane

Desde cedo, fui ensinada a assumir papéis impostos: diziam que ciência era “coisa de homem” e que, por “levar jeito com crianças”, eu deveria ser professora — como se educar se limitasse a isso. Ironicamente como futura educadora e professora de ciências, percebo que ser mulher em uma família tradicional significava para mim



aceitar que certos caminhos eram limitados, mas a decisão de seguir a carreira científica representou, intrinsecamente, uma quebra de padrões. Não ter muitas referências de mulheres no âmbito científico, me motivou a participar do Projeto Minerva. Durante as ações do projeto, percebi como as redes sociais moldam a identidade das crianças, especialmente as meninas, muitas vezes focadas em padrões de beleza e corpos hipersexualizados, enquanto os meninos se envolviam mais nas atividades. Após apresentarmos as possibilidades de ingresso e permanência na UFBA, um dos estudantes, Fabrício⁷, comentou que não iria fazer ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), pois tinha que trabalhar e que não poderia ingressar na faculdade. Ao final de uma roda de conversa uma professora de uma das escolas contou um fato que ocorreu durante uma apresentação, a estudante, Priscila⁸, ao saber que uma professora de 29 anos não tinha filhos, perguntou surpresa: “Ah Pró, então eu não preciso ter filhos agora?”. Esses episódios mostram como desigualdades de gênero e sexualidade estão enraizadas em fatores sociais e culturais, e como a escola pode ser um espaço de transformação. A BNCC, embora proponha uma educação inclusiva, ainda trata gênero e sexualidade de forma superficial, deixando lacunas que contribuem para a manutenção desses estereótipos.

Ana Paula

Ser mulher na sociedade já é um desafio. Ser uma mulher negra e bissexual é ainda mais difícil. Começo com essa afirmação porque foi muito difícil me reconhecer e me afirmar como essa pessoa. Todos querem ser quem são, mas o medo da exclusão muitas vezes pesa mais do que a dor de não viver sua verdade. O projeto no qual fui bolsista teve um impacto profundo na minha formação, justamente porque também me ajudou, dia após dia, a me afirmar no mundo, a ser mais eu. Ele oferece a crianças e adolescentes a oportunidade de se entenderem e se posicionarem desde cedo, o que considero essencial enquanto futura professora. Se estamos formando cidadãos, não podemos ignorar as diversas existências que compõem nossa sociedade. Nas oficinas, cada fala dos/as estudantes me mostrava o quanto é importante criar espaços seguros e

⁷ Nome fictício

⁸ Nome fictício



escutá-los de verdade. Uma aluna compartilhou como, ao voltar ao seu cabelo natural, reencontrou sua identidade. Um outro aluno relacionou o preconceito vivido por personagens de um filme à realidade de pessoas pretas e pobres nas favelas. Ali, percebi a potência das discussões sobre interseccionalidade e como as crianças já compreendem os marcadores sociais que as atravessam. Esse projeto me proporcionou formação, escuta, e sobretudo despertou em mim o desejo de seguir nesse caminho como pesquisadora — não de forma distante, mas atuando diretamente na transformação da realidade dos/as estudantes. Mesmo que o impacto atinja apenas alguns, já será uma grande diferença dentro de um contexto ainda tão retrógrado e perverso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL E POLÍTICA

As experiências compartilhadas neste artigo evidenciam o impacto transformador de projetos que abordam gêneros, sexualidades e identidades na formação docente. Esses espaços de escuta contribuem para a criação de ambientes de ensino mais seguros e conseqüentemente para um processo formativo educacional mais crítico, plural e sensível às realidades sociais dos(as) estudantes e educadores(as). Além disso, promovem na sociedade de modo geral, debates e reflexões. Assim, tratar dessas temáticas é conseguir perceber que educar é um ato social e político (Freire, 1996; hooks, 2013).

A abordagem da educação sexual possui um poder libertador e um potencial de desenvolvimento do senso crítico podendo trazer abalos para as concepções conservadoras dos grupos hegemônicos da sociedade. Desse modo, é essencial que a abordagem pedagógica acerca das temáticas de sexualidades e gêneros inclua uma perspectiva sensível que promova o autoconhecimento e ajude as crianças a entenderem seus próprios limites e aos limites do outro, a respeitar seus corpos e os corpos dos outros. Entretanto, a BNCC precisa ser revista e reformulada, visando não interferir no papel emancipador e inclusivo da educação. Já que norteia o currículo básico da educação no país e, não pode estar alheia a temas tão intrínsecos à sociedade.



Para além disso é imprescindível que a educação assuma seu papel ativo na formação de consciências críticas e acolhedoras das múltiplas existências. Mas não apenas na formação básica, formar professores(as) comprometidos com a diversidade é também formar sujeitos capazes de transformar realidades. Que possamos seguir ampliando iniciativas como as aqui relatadas, construindo coletivamente uma educação que acolha, liberte e resista às normativas excludentes.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024: linha do tempo e principais documentos*. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_linha_do_tempo.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Terra e Paz, 1996.

SILVA, Diana Melo. Gêneros e orientação sexual na Base Nacional Comum Curricular. *Anais EDUCOM*, [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13781/4/>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

VICENTE, Luciane da Silva. A educação sexual nas diferentes versões da Base Nacional Comum Curricular: da abertura ao silenciamento em torno da temática. *SciELO Preprints*, [S. l.], 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5559>>. Acesso em: 28 jul. 2024.